

## **Michéle Roberts e a filha esquecida de São Pedro**

Santa Petronella, ou Pedrinha, era filha do apóstolo Pedro. Seu próprio nome provoca estranhamento, pois é somente um derivado, diminutivo de seu Pai. Esse apagamento de si ligado a uma percepção de identidade acessória e inferiorizada guia a narrativa de Roberts. A visão feminista da autora busca problematizar o apagamento da violência de gênero, subentendido na história tradicional dessa santa. Vejamos então as duas versões, começando pela oficial:

Petronella, cuja vida foi escrita por São Marcelo, era filha de São Pedro. Ela era de beleza extraordinária e padecia de febre por vontade de seu pai. Um dia em que os discípulos estavam na casa do apóstolo, Tito perguntou-lhe: “Por que você, que cura todos os enfermos, permite que Petronella continue doente?”. Pedro respondeu: “Porque é melhor para ela.” E para mostrar que não era impossível curá-la, disse-lhe: “Levante-se já, Petronella, e traga-nos algo para comer”. Instantaneamente curada, ela levantou-se e serviu-os. Quando acabou, Pedro ordenou: “Petronella, volte para a cama!” Ela assim o fez, e imediatamente a febre voltou. Somente quando ela atingiu a perfeição no amor a Deus, ele a curou completamente.

Apaixonado pela beleza dela, o conde Flaco pediu-a por esposa, ao que ela respondeu: “Se me deseja como esposa, mande umas virgens virem me acompanhar até a sua casa”. Enquanto ele providenciava isso, Petronella consagrou-se ao jejum e à prece, recebeu o corpo do Senhor, deitou-se e, três dias depois, migrou para o Senhor. (DE VARAZZE, 2006: 464)

De Varazze, mais uma vez, começa sua narrativa apoiando-se em uma autoridade que não a sua, entretanto, não abre aspas para dar voz total a quem cita. Dessa vez a história, ainda que supostamente baseada em São Marcelo, é contada de maneira individual pelo dito compilador. Os atributos da personagem principal da narrativa são o ser filha de São Pedro, ser bela e ser doente, três papéis socialmente ligados ao feminino. Primeiro ela é definida de maneira relacional, segundo por seu corpo e prazer potencial que pode dar ao homem, e por fim pela fraqueza e fragilidade, comumente associadas às mulheres. Vale a pena ressaltar o fato de que ela “padecia de febre por vontade de seu pai”.

Até onde vai o poder dos homens sobre a vida e o corpo das mulheres!? Pedro simplesmente decide que sua filha deveria continuar doente. Ideologicamente a

autoridade na qual se baseia tal poder é, não a do pescador Simão Pedro, mas a do próprio Deus, de quem o apóstolo seria o representante máximo sobre a terra. A autoridade sobre o corpo e a vida, o bem-estar da filha, seria de origem divina. Fica-se ainda no terreno do PAI, um pelo outro, um no lugar do outro. Agir no nome-do-Pai é a medida entre a saúde e a doença, entretanto quando o narrador diz que Petronella “padecia de febre por vontade de seu pai.”, não é a Deus que ele se refere, mas a Pedro. Assim, aquele que deveria ser o arauto imbuí-se do poder de quem o enviou, e enquanto o deus masculino judaico cristão seria abstrato, o sujeito histórico, seja ele Simão Pedro ou qualquer outro, não o é. A decisão final sobre a saúde de Petronella estava com seu pai terreno, que dispunha do bem-estar da filha como se fosse um brinquedo.

Quando um outro apóstolo, e é interessante notar que se trata de um nome infimamente lembrado na tradição romana, questiona Pedro, este pode ter se sentido ameaçado. A dúvida do colega poderia estar colocando em cheque a escolha divina de Jesus por Pedro, se o ex-pescador não conseguisse provar seu poder sobrenatural, perderia sua autoridade sobre os outros. Pode não parecer à primeira vista, mas o próprio primado apostólico talvez esteja em questão. Assim, cabe perguntar se a intervenção de Tito teria sido pelo bem estar de Petronella ou se poderia haver naquelas palavras um sentido político latente. Se essa leitura puder ser feita, Petronella é mais uma vez agredida, pois está sendo usada como moeda de troca política. Conforme o artigo de Gayle Rubin (1974) as mulheres são física ou simbolicamente, a mercadoria usada pelos homens para estabelecer relações sociais. A negação da alteridade por parte do mesmo-masculino alcança a reificação, podendo chegar ao extremo da nulificação. No caso de Petronella, é um perigo sutil, pois o PAI se esconde em um discurso aparentemente favorável.

Desafiado, Pedro tem de mostrar seu poder e o faz, novamente, jogando com o corpo e a saúde da filha, porém com um agravante, ao machismo acrescenta-se a exploração laboral. Ele dá à filha duas ordens “Levante-se, Petronella, e traga-nos algo para comer.” A pobre moça sequer recebe o direito à fala, ela se comunica somente uma vez em toda a história, e quando o faz é em nome do PAI. A prova de sua recuperação não era recitar um salmo, socorrer os necessitados ou pregar em praça pública, era servir comida aos homens. Por que? Porque na concepção patriarcal romana é isso que as mulheres devem fazer, santas ou não, não importa. É a naturalização do sistema de sexo-gênero, apresentando como eterno e óbvio algo que é contingente e complexo.

Quando Pedro cura a filha, o faz, não por ela, mas por ele e para os outros

homens. Quando ela não mais tiver serventia, ele a fará adoecer de novo, ela não possui dignidade imanente, apenas eles. O que Pedro realiza diante dos outros homens equivale a uma afirmação de poder, mas também é um truque de prestidigitação, como um mágico de circo. Não há interesse pela pessoa, pelos sentimentos, pelo bem estar de Petronella. Ele, numa demonstração de poder, a cura somente para servir aos homens e fazê-la adoecer de novo. É cruel tratar uma pessoa assim, especialmente uma filha, ainda mais se for um santo, e tão importante como Pedro. Daria o cristianismo aval para tal conduta, a ponto de colocá-la como exemplar? E Petronella é santa porque se calou? O grande modelo feminino é um paradigma de submissão e silêncio, teria ela aceitado passivamente esses jogos de seu PAI?

Pedro, senhor da vida e da morte, da saúde e da doença de sua filha não transige em sua autoridade: “Somente quando ela [Petronella] atingiu a perfeição no amor a Deus ele a curou completamente.” Então, tratava-se de um teste? Deus e São Pedro estavam vendo se Petronella era ou não digna de sarar? A doença mostra-se como um pretexto, uma ferramenta para fazer Petronella ainda mais submissa, ou na linguagem hagiográfica “perfeita no amor a Deus”. Petronella não tem direito a identidade própria, nem liberdade, nem sequer manda em seu próprio corpo. Ei-la reificada, anulada pelo discurso patriarcal, tanto religioso quanto literário.

Diante de uma história tão misógina como teria Roberts se comportado? Para aqueles que esperavam uma santa contestadora, rebelde e guerreira, enfrentando seu pai e fugindo de casa, devo dizer que não foi assim. A percepção da autora sobre uma personagem tão apagada e marginalizada foi mais complexa. Roberts dá densidade interior ao silêncio que a hagiografia destinou a Petronilla:

Petronilla ressentia-se furiosamente pela maneira como era tratada por seu pai e os outros apóstolos, mas, tendo sido criada para pôr as necessidades dos outros diante das suas próprias, ela fervia de raiva em particular. Ela não tinha amigas mulheres com quem se queixar, porque ela era tão ocupada cozinhando e limpando que raramente saía de casa. As outras mulheres do povoado a achavam orgulhosa e fresca, preferindo a companhia dos homens à delas, então elas deixaram de tentar ganhá-la para os encontros femininos com um pouco de fofoca e risadas como elas mesmas gostavam. Tendo negado a si mesma a possibilidade de deixar escapar o vapor e não sendo capaz de afrontar seu pai, Petronilla adquiriu uma febre. Ela ficava na cama e virava sua cabeça para a parede, gemia, tremia e se recusava a falar. (ROBERTS, 1997:55)

A figura de Petronella é a de alguém esmagada pelo sistema sexo-gênero. Ela havia sido educada em valores patriarcais que mascaravam machismo com altruísmo. A auto-negação foi socialmente construída como uma virtude feminina e tal ideologia alcança níveis patológicos no mito da maternidade compulsória. Quantas mulheres não tiveram, e tem, suas vidas anuladas em prol de um suposto papel de mãe perfeita? No caso de Petronella a misoginia cristã acabará transformando-a, não em mãe, mas em mártir da virgindade, muito ao gosto de ascetas como São Jerônimo ou São Bento.

Uma possibilidade de atenuação do machismo que a circundava poderia estar nos encontros, aparentemente inofensivos, das outras mulheres, para conversarem entre si. Uma força maior do que o patriarcado poderia esperar se esconde por trás desses encontros. São momentos de sororidade capazes de produzir resistência e animar as mulheres para enfrentarem o injusto machismo que as esperava do lado de fora, após as reuniões. Rir e fofocar, como diz Roberts, acaba sendo uma espécie de terapia de grupo *avant-la-lettre*, e o afastamento de Petronella mostra-se muito danoso. Seu papel de filha perfeita do PAI, redeu-lhe uma crise psicológica que acabou somatizada. Sua febre é resultado direto de seu sofrimento mental, seja ele consciente ou não.

A figura do vapor usada por Roberts adquire vários níveis de significação. As expressões “ferver de raiva” e “deixar escapar o vapor” ligam-se ao calor da febre. O corpo de Petronella se transforma em um objeto de cozinha, ela é uma chaleira, cuja fervura é a febre esquentada pelo fogo do machismo de seu pai. Quando Petronella perde suas forças e cai doente, a casa fica totalmente desorganizada, a sujeira acumulada e nenhuma comida pronta, como deveria o príncipe dos apóstolos reagir? Com compaixão, talvez, ao menos nesse momento de doença da filha ele poderia ajudá-la um pouco com o serviço doméstico? Leiamos Roberts:

Os discípulos e apóstolos ficaram chocados, todos muito perplexos pela filha de São Pedro tê-lo decepcionado tanto. Condoeram-se dele, persignaram-se e envergonharam-se pelo homem que era, afinal, o cabeça da Igreja na terra. Frescuras não era algo tolerado em suas filhas e mulheres. Indicava a falta de uma autoridade masculina segura, com controle. Era uma afronta à dignidade masculina.

- Você é quem manda, chefia, eles gritaram para São Pedro: você pode fazer um milagre se quiser. Vamos lá! Cure essa espertinha!

- Vou deixá-la sofrer, obrigado. Disse Pedro, ela não merece ser curada deixe-a temperar em seu próprio caldo.

- Oho, riram os amigos, então você não está tão seguro de seus poderes, não é?

Dois ou três deles já estavam indo para a porta de saída.

-Acabou a festa galera, vamos procurar alguém que possa nos receber de verdade.

São Pedro entrou em pânico ao pensar que seus amigos nunca mais voltariam e o deixariam ali, no meio daquele monturo doméstico.

- Vou mostrar-lhes o poder do Senhor! Ele berrou e saiu da sala.

Cinco minutos depois ele voltou trazendo a filha pela mão. Bem vestida, rosto lavado, cabelo penteado e olhos de recato lançados ao chão, como sempre.

-Aí está, gabou-se São Pedro, é ou não um milagre?

Todos aplaudiram.

- Pedrinha, ordenou Pedro, limpe essa bagunça, traga-nos bebida e prepare a janta, e rápido!.

- Sim, Pai, ela disse.

Os apóstolos e discípulos estavam se divertindo muito. (ROBERTS, 1997: 56).

A narrativa de Roberts assume um estilo muito menos pomposo que aquele utilizado por De Varazze. As reações das personagens não são tão puras ou tão santas quanto se deveria esperar de uma hagiografia. Pedro é transformado em um homem comum, de meia idade, sozinho e beberrão que gosta de chamar os amigos para se embriagar e falar do passado. Os discípulos, por sua vez, demonstram um machismo muito forte e fazem pressão sobre Pedro para que ele seja rude com a filha sob pena de perder a autoridade que tinha. A doença da moça é tratada como “frescura”, ou seja, não se poderia esperar algo sério de uma mulher, ela deveria estar fingindo ou exagerando, na ótica deles. Pedro é chamado de “chefia” e os outros discípulos de “galera”, o tom coloquial, bem como as atitudes das personagens, aproxima a cena, supostamente sacra e hierática, do cotidiano. A cena, porém, é de misoginia explícita, a única fala de Petronella resume-se a “sim, Pai.” A moça garante não só a comida e a bebida, mas também a diversão dos vários homens ali presentes, pois esses alegravam-se ao vê-la humilhada.

Pode-se objetar esta história dizendo-se que Roberts criou uma caricatura para atender seus desejos de feminista, que tudo é muito exagerado e conveniente. Pergunto, entretanto, qual seria o *status* de verdade presente nas narrativas oficiais? Não seriam essas também exageros convenientes, criados para satisfazer as vontades patriarcais? O

Pedro e a Petronella canonizados por Roma são tão parciais quanto a criação de Roberts, a diferença é que a ficcionista não é dona dogmática da verdade. Satirizar o nome mais respeitado da tradição apostólica é uma forma de fragilizar o patriarcalismo presente na mentalidade e nas atitudes da igreja de Roma.

A proposta de compaixão e acolhimento presente nos evangelhos, dizem as feministas críticas de Roma, foi apropriada por um grupo desejoso de poder que a transformou em instrumento de opressão. A igreja romana apresenta uma forte contradição entre seu discurso igualitário e inclusivo e sua prática machista e excludente. Ao retratar Pedro a seu modo, Roberts evidencia esta contradição, entre um desejo de moral e uma práxis de opressão. Essa estratégia ganha mais força quando se verifica, um pouco à frente na narrativa, qual era o milagre operado por São Pedro. Conforme o conto tradicional, um nobre da região, chamado Flaccus, pediu a filha do apóstolo em casamento, como esta recusasse a união e continuasse doente, o noivo pediu a sua santidade, seu sogro:

- Cure-a, Flaccus pediu a São Pedro: disseram-me que você pode obrar milagres, curar os doentes, pois bem, salve da morte sua amável filha, eu imploro!

São Pedro suspirou.

- Pois muito bem, ele disse, como sinal a um pagão do poder do Único e Verdadeiro Deus, eu obrarei um milagre e curarei minha filha de sua doença.

Pedro voou para o quarto da filha como uma tempestade. Flaccus seguiu-o e escondeu-se atrás da porta, curioso de saber como se fazia um milagre.

São Pedro postou-se diante de sua encolhida filha e trovejou-lhe:

- **“LEVANTE JÁ SUA PUTINHA SEM-VERGONHA OU, DEUS SEJA MINHA TESTEMUNHA, VOU TE BATER TANTO QUE VOCÊ VAI DESEJAR NUNCA TER NASCIDO!”**

Petronilla levantou-se e saiu do quarto.

- Muito bem, ela disse a Flaccus, casarei contigo, mas tu deves trazer-me algumas mulheres para que estas me acompanhem até tua casa. Pois é certo e esperado que eu não vá encontrar-te sozinha. (ROBERTS, 1997: 59, grifos da autora)

O apóstolo faz-se de rogado e demonstra certo fastio ao atender o pedido de seu genro. Mais uma vez o bem estar de Petronella é moeda de troca entre dois homens. Pedro a “cura” não porque a ame, mas para vencer Flaccus e o paganismo nele representado. A grosseria do apóstolo para com sua filha é chocante e muito evidenciada pela autora. Claro está que não houve “milagre”, mas forte ameaça e

violência moral. Esse era, de fato, o deus trazido por Pedro, um deus que não era muito diferente das antigas divindades patriarcais, exceto que as centralizava e potencializava. Esse deus era parecido com o próprio personagem Pedro: intolerante, machista e egoísta.

Roberts critica o catolicismo ao lembrar que foram nessas condições, negando e contradizendo a si mesma, que a nova religião se firmou no mundo romano. Depois de uma conversa tão “amena” com seu pai, Petronella aceita casar com o conde Flaccus, mas pede a companhia de outras mulheres que lhe façam o cortejo. Na história original, Petronella utiliza esse tempo, de noivado, para morrer, contrariando assim o conde. Roberts recria essa resistência e a transforma em arma de sororidade. Pela primeira vez a reclusa e reprimida Petronella terá a oportunidade de juntar-se a um grupo de amigas, todas mulheres como ela, algo muito diferente dos 11 homens que vinham visitar seu pai todas as noites. Esse grupo feminino substitui o masculino dos apóstolos e mostra-se muito mais saudável para Petronella. Tão grande era sua força, baseada na amizade e nas dores comuns, que a mera presença dessas mulheres mostra-se uma ameaça ao poder do PAI.

Um grande grupo de mulheres acompanhou Petronella até a casa de Flaccus e todas se puseram, com vontade, a preparar o jantar e a festa de casamento. O banquete levou boa parte da noite. As mulheres cantaram e tocaram violão, e dançaram, e comeram, e beberam e Petronella junto. Flaccus tentou acompanhá-las mas caiu bêbado de vinho e apagou, enquanto a festa continuava ao seu redor. São Pedro saíra mais cedo, deprimido.

A festa continuou por uma semana, como era a tradição. No oitavo dia, Flaccus esperava que a vida voltasse ao normal para ter um pouco de paz com sua mulher. Mas para sua tristeza ele logo notou que sua casa continuava cheia de mulheres. Elas sentavam na cozinha ajudando Petronella a fazer a janta e conversavam alto, corriam de um lado para o outro cuidando da casa, elas ficavam no teto secando os cabelos e falando de menstruação e filhos, mas tão alto, que ele só podia ir imediatamente embora. Elas vinham fofocar da vida alheia e depois apareciam a qualquer hora do dia ou da noite para discutir política e religião, ficavam perguntando a ele várias coisas sobre seus sentimentos e experiências íntimas. Ele nunca via sua esposa só, ela vinha para a cama mais tarde e levantava mais cedo do que ele. (ROBERTS, 1997:60)

Na narrativa oficial, Petronella acaba reforçando a lei do PAI, pois pede que o conde encontre-lhe companheiras somente para ganhar tempo. Ela utiliza esse tempo para consagrar sua virgindade a Deus e morrer sem maculá-la. Tal atitude a apresenta como um ideal ascético e mostra como o casamento, mesmo sendo um sacramento, tendia a ser desvalorizado, quando comparado à virgindade monacal. Petronella utiliza sua inteligência para melhor fazer a vontade do PAI, e só por isso o hagiógrafo a louva. Já na versão de Roberts, a subversão é o argumento principal. A mera presença daquelas mulheres e sua alegria de viver, apesar das circunstâncias opressoras, dão um outro tom para a vida de Petronella. A energia de vida que elas punham na dança e na celebração incomodou bastante a Pedro que saiu logo da festa, deprimido. Pode-se especular que ele não teria gostado de tanta efusividade, especialmente por parte das mulheres.

O nome do conde, Flaccus, não foi criação de Roberts, mas ela aproveita essa etimologia ao mostrá-lo fraco com a bebida, as mulheres invertem o preconceito e agüentam beber mais que ele, mostrando também que sabem se divertir melhor, pois não entraram em coma alcóolico. Com os dois homens fora de ação, as mulheres poderiam fazer a festa como desejavam. Roberts silencia sobre o que teria acontecido, mas sabemos que os preconceitos de gênero não se aplicavam àquela celebração, que com todas as suas alegrias, durou uma semana.

Este tempo, o mesmo dedicado aos velórios, representa um ciclo cósmico, é como uma vida inteira com nascimento, crescimento e morte. O rito de passagem apenas se completa quando fecha-se o ciclo nele simbolizado. Os participantes entram em uma jornada iniciática e a exterioridade serve para trabalhar a interioridade, ou seja, os sinais externos buscam influir nas características psicológicas das pessoas envolvidas. No caso do casamento de Petronella, suas amigas deveriam prepará-la, assim esperava o patriarcado, para ter a mente de uma esposa tradicional e submissa. As mulheres, entretanto, utilizam o espaço recebido para subverter as leis e a hierarquia do PAI. Longe de acomodar Petronella aos padrões, mas também sem fazer revoluções abertas, elas questionavam a falta de liberdade e o apagamento a que a jovem estaria destinada; tudo por meio de festas e alegria.

O conde Flaccus vê sua autoridade masculina ameaçada quando percebe que as amigas de sua esposa, mesmo fora do tempo ritual esperado, continuam tendo mais poder que ele, em sua própria casa. As mulheres o incomodavam muito, seja por atitudes assertivas, como falar alto, seja por fazê-lo confrontar-se consigo mesmo, o que ele não desejava. Por trás do que, no olhar patriarcal, seria uma aparente frivolidade,



como falar de menstruação ou de filhos, esconde-se uma força contestadora que desestabiliza o sistema. Elas vinham a qualquer hora do dia ou da noite, fosse para falar amenidades, ou, bem mais perigoso, discutir religião e política. Eis um ponto de reforço, essas mulheres, que não possuíam poder de voz na esfera pública tradicional (tribunais, igrejas, etc) nem por isso deixavam de se inteirar e se interessar pelos assuntos supostamente reservados aos homens.

Continuar com essas atividades poderia ser comprometedor para Flaccus, não só porque o desmoralizaria diante dos outros homens, mas porque as mulheres poderiam sem grandes dificuldades serem acusadas de traição ao rei ou de heresia. O conde dificilmente sairia ileso de algo assim. O que começou como um aparente capricho de sua esposa tornara-se uma questão de sobrevivência e auto-respeito. Sua esposa o havia trocado pelas amigas, ele, por direito seu senhor e marido, era preterido em favor de mulheres incômodas e tagarelas. Flaccus dificilmente poderia prever que aquelas mulheres pudessem ser tão perigosas. Ele sabia que, caso ele não quisesse pagar um alto preço, aquela situação deveria acabar.

Em seu desespero para se ver livre daquelas mulheres faladeiras, que estavam por toda parte. Ele percebeu que sua única salvação seria obrar um milagre. Ele penetrou na cozinha um dia, a qual estava, como sempre, cheia de fumaça e cheiro de comida, com as vozes altas, alegres, fofoqueiras da maioria das mulheres da vizinhança. Ele não conseguiu adentrar muito, pois havia mulheres demais, mas pondo-se no batente, ele trovejou, como escutara São Pedro fazer:

**“SAIAM DA MINHA CASA AGORA SUAS PUTAS OU, COM OS DEUSES POR MINHAS TESTEMUNHAS, VOCÊS VÃO APANHAR TANTO QUE IRÃO DESEJAR NUNCA TEREM NASCIDO!”**

As mulheres pegaram suas coisas e foram embora. Sumiram na estrada, em um piscar de olhos. Flaccus passeou pela cozinha limpa, foi à sala e sentou-se no sofá reservado ao senhor da casa. Ele bateu palmas:

-Petronella, meu bem, ele a chamou, traga-me vinho e depois faça o jantar, sim? E então, quem sabe, se você tiver sorte, se você fizer tudo direitinho, mais tarde, eu lhe darei uma trepada para você não esquecer tão cedo. (...)

Petronella morreu muitos anos depois, de velhice, seu corpo foi sepultado por suas amigas, bem ajeitadinho e limpinho, como ela queria. (ROBERTS, 1997: 61)

Quanto ao estado psicológico de Flaccus no momento em que decidiu agir contra as mulheres, Roberts é direta: ele estava desesperado. Ele percebia que aquelas mulheres eram uma ameaça à vida que ele conhecia e com a qual estava acostumado. Não estava em seus planos ceder espaço, poder, nem negociar com aquelas mulheres. Ele, entretanto, reconhece que precisa de um milagre. É nesse momento que entra a ironia, pois o milagre que ele termina por realizar, como aquele outrora feito por Pedro, nada tem de sobrenatural. O tão defendido deus único dos cristãos não é, nesse aspecto, melhor que os deuses antigos, pois tanto um quanto os outros lograram o mesmo portento, fruto do machismo de seus fiéis. Ameaçado, acuado em sua própria casa, Flaccus reage como vira Pedro fazer. Se esse era o deus dos cristãos então não haveria grandes problemas para que Flaccus se convertesse, afinal, poderia continuar tratando as mulheres da mesma maneira, ou até pior. Fisicamente, se todas as mulheres se unissem, ele dificilmente as venceria, pois eram muitas contra um, entretanto, ele blefa com a força do PAI, com a autoridade masculina, ligada ao trovão. Ele é o sacerdote dos lares, dos deuses daquela casa, a ele é dado o poder de esbravejar, às mulheres não, elas apenas fofocam. Ele, entretanto, as teme.

Flaccus se torna forte pela sua recente vitória simbólica, sendo homem, mesmo pusilânime, ele se acha no direito de gritar com um grupo de mulheres. Comporta-se em sua casa como um general vencedor ou rei. A metáfora da poltrona como trono e o gesto que utiliza para chamar a esposa, desalojada de seu séquito, mostram como ele se sentia superior. Mais uma vez, nesse ponto, apesar de ser uma história supostamente ambientada na antiguidade clássica, há um gosto contemporâneo em certos detalhes que poderiam, numa visão mais tradicional da relação entre literatura e história, ser vistos como anacrônicos. Tomemos o sofá em que Flaccus senta, alguns poderiam argumentar que esta peça de mobiliário não existia em tempos romanos, não no formato que conhecemos hoje, assim, a autora não poderia tê-la utilizado em sua narrativa. Tratando-se de metaficção historiográfica, por que não? Não há problema algum e um suposto anacronismo não precisa ser evitado, nem pelo historiador profissional, pois este estará sempre escrevendo dentro de seu tempo e condições. Se, hoje, a historiografia revê seus conceitos, quanto mais não o fará o ficcionista, sempre disposto a tomar liberdades. Para o projeto literário de Roberts não há problemas que haja um sofá em Roma, desde que os papéis tradicionalmente reservados às mulheres sejam problematizados, seja pela contestação ou pelo exagero.

Conquistada sua vitória e sendo re-instalado como legítimo rei de seu castelo, Flaccus mostra-se tirano e continua negando existência independente a Petronella. Ao seu antigo papel de escrava doméstica é somada sua exploração sexual. O corpo dela pertencia ao marido, o qual, acreditava ele, poderia com a esposa fazer o que quisesse. A reação de Petronella? Nenhuma, não brigou, não gritou nem mostrou desaprovção. O marido tirano é apenas a continuação do pai machista, ambos são o reflexo de uma macroestrutura injusta que encontra uma de suas principais justificativas nas leis do DEUS PAI. Seja ele Javé ou Júpiter, para a dor de Petronella não havia diferença.

Ela morre, não milagrosamente, como mártir da pureza, tal idealizara De Varazze, mas de velhice, depois de ter tido muitos filhos. Ela aprendera a aceitar a ordem, a limpeza, as coisas como deveriam ser. Entretanto, no original inglês, pela falta da marca de gênero na palavra *friends*, não se pode afirmar com certeza se ela foi enterrada por seus amigos, ou amigas. Tomando-se a última opção pode-se pensar que, talvez, Petronella tenha mantido alguma relação de sororidade com as outras mulheres ao longo da vida e, assim, talvez ela não fosse um a filha tão boa quanto o PAI pensava. Santa Petronella, padroeira das filhas sofredoras, rogai por nós!

#### Referências Bibliográficas

DEVARAZZE, Jacopo. *A legenda áurea: vidas de santos*, São Paulo, Cia das Letras, 2006.

ROBERTS, Michele. *The Book of Mrs Noah*, Londres, Methuen, 1988.

\_\_\_\_\_. *In the Red Kitchen*, Londres, Minerva, 1991.

\_\_\_\_\_. *Daughters of the House*, Londres, Virago, 1993.

\_\_\_\_\_. *Impossible saints*, Londres, Little Brown, 1997.